

AS RAZÕES DO JOGO EM “DUELO”

Andréia Delmaschio
UFRJ / IFES

Resumo: No conto “Duelo”, a partir de uma vendeta mortal cometida por engano, inicia-se uma nova contenda, esta entre dois duelistas que nunca se encontram, distraídos da sua trilha bélica e lúdica, ora pelos achaques de saúde, ora pelas pistas falsas que espalham e que acabam funcionando como auto-engano. Acompanhamos a ironia dessas pistas e rastros, constituintes de um jogo de duplo engodo que perverte a lógica cartesiana simples, e cujo paroxismo consiste no fato de os rivais se cruzarem pelo caminho sem que o percebam, criando-se assim uma atmosfera complexa, eivada de uma lógica suplementar e paradoxal – um *jogo de morte* que acaba se revelando como a *razão de vida* dos adversários.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. *Sagarana*. Duelo.

Abstract: In the short story “Duel”, from a mortal vengeance committed by mistake, it starts a new dispute, this one between two duelers who had never met each other, distracted from their war and playful affair, either by the health ailments or by the false clues that are spread and end up working as a self-mistake. We follow the irony of these clues and traces, that constitute a game of double lure which perverts the simple cartesian logic, and whose paroxysm consists of the fact that the rivals meet through the path without realizing that, creating a complex atmosphere, contaminated by a supplemental and paradox logic – a *death game* which ends up revealing itself as the opponents’ *reason of life*.

Keywords: Guimarães Rosa. *Sagarana*. Duelo.

De acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, a

palavra “duelo” designaria qualquer tipo de luta ou oposição entre duas partes. Considerando-se essa definição, o conto de Guimarães Rosa intitulado “Duelo”, do livro *Sagarana*, de 1946, desdobra, a partir do título, uma ponta de ironia, já que a narrativa se desenvolverá, até o final, em torno dos primórdios e na preparação sempre frustrada do encontro, sem que as personagens envolvidas se enfrentem para a verdadeira luta, indo chegar a termo por meio de outros elementos, estranhos ao combate, as vidas de ambos os contendores.

O enredo daquelas duas vivências (os “duelistas” são Turíbio Todo e Cassiano Gomes) se dá a partir de um ponto de contato que é D. Silivana, a mulher de “grandes olhos bonitos, de cabra tonta” (ROSA, 1884, p. 160)¹². Turíbio, seu companheiro, é um fabricante de selas furtado ao trabalho pela crescente abertura de estradas de ferro e de rodagem na região onde nascera, às margens do Rio Borrachudo, no qual ainda pesca, na ocasião em que tem início seu desentendimento com Cassiano. Vejamos como ele é descrito na abertura do texto:

Turíbio Todo, nascido à beira do Borrachudo, era seleiro de profissão, tinha pêlos compridos nas narinas, e chorava sem fazer caretas; palavra por palavra: papudo, vagabundo, vingativo e mau. Mas, no começo desta estória, ele estava com a razão. Aliás, os capiaus afirmam isto assim peremptório, mas bem que no caso havia lugar para atenuantes. Impossível negar a existência do papo; mas papo pequeno, discreto, bilobado e pouco móvel – para cima, para baixo, para os lados – e não o escandaloso ‘papo de mola, quando anda pede esmola’... Além do mais, ninguém nasce papudo nem arranja papo por gosto: ele resulta das tentativas que o grande percebejo do mato faz para se tornar um animal doméstico nas cafuas de beira-rio, onde há, também cúmplices, camaradas do *barbeiro*, cinco espécies, mais

¹²

A partir desta, as citações que vierem sem referência bibliográfica no corpo do texto foram retiradas do conto “Duelo”. Conferir: ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ou menos, de tatus. E, tão modesto papúsculo, incapaz de tentar o bisturi de um operador, não enfeava o seu proprietário: Turíbio Todo era até simpático: forçado a usar colarinho e gravata, às vezes parecia mesmo elegante. Não tinha, porém, confiança nesses dotes, e daí ser bastante misantropo, e dali ter querido ser seheiro, para poder trabalhar em casa e ser menos visto. (...) Agora, quanto às vibrissas e ao choro sem visagens podia ser que indicassem gosto punitivo e maldade, mas com regra, o quanto necessário, não em excesso.¹³

Cassiano Gomes, o seu rival, é ex-soldado, afastado do serviço militar por ser portador de problemas cardíacos. E é no leito de D. Silivana que seus destinos se cruzam. Vamos à ocasião do encontro:

Mas, por essa altura, Turíbio Todo teria direito de queixar-se tão-só da sua falta de saber-viver; porque avisara à mulher que não viria dormir em casa, tencionando chegar até ao pesqueiro das Quatorze-Cruzes e pernoitar em casa do primo Lucrecio, no Dêcãmão. Mudara de idéia, sem contra-aviso à esposa; bem feito!: veio encontrá-la em pleno (com perdão da palavra, mas é verídica a narrativa) em pleno adultério, no mais doce, dado e descuidoso, dos idílios fraudulentos.¹⁴

Assim, retornando mais cedo da pescaria, Turíbio, um homem de hábitos silenciosos e previsíveis, vê, sem ser visto, sua mulher na cama com o soldado. Vê, silencia e espera o momento certo para a vingança. Alguns dias depois, moralmente apoiado nos códigos de honra da localidade, que pregam a morte do traidor por parte do traído, dirige-se, devidamente armado, à casa de Cassiano Gomes, onde, graças a enorme semelhança, acerta pelas costas o irmão do soldado, com um tiro na nuca. Tem início, então, o *duelo irrealizável* entre os dois.

¹³ ROSA, 1984, p. 157.

¹⁴ ROSA, 1984, p. 158.

Esse “duelo”, cujo desfecho jamais se dará, vemo-lo aqui como um complexo jogo em que, perseguindo-se mutuamente a cavalo pelo sertão, cada um lança pistas que o outro irá interpretar. As *pistas*, *rastros* e *sinais* anunciados oralmente a pessoas que passam pelas estradas formam uma longa estratégia mutável e são por vezes falsos, com o intuito de desviar o inimigo; por outras são verdadeiros, e lançados no afã de que o rival, ao tomar conhecimento deles, interprete-os como sendo falsos, num jogo de *duplo engodo* que terá resultados imprevisíveis, conduzindo o conflito ao paroxismo mesmo de os rivais se cruzarem pelo caminho sem que o percebam:

Mas, nesse depois, deu que um dia Cassiano, surgindo nas Traíras, escutou conversa de que o outro estava na Vista Alegre, aonde viera ter, aquerenciado, com saudades da mulher. Cassiano Gomes tirou suas deduções e tocou riba-rio, sempre beirando o Guaicuí (...) isso enquanto Turíbio Todo, um pouco além norte, fazia uma entrada triunfal em Santo Antônio da Canoa, onde ainda ousou assistir, muito ancho, às festas do Rosário, com teatrinho e leilão. Dançando de raiva, Cassiano fez meia-volta e destorceu caminho, varejando cerradões, batendo trilhos de gado, abrindo o aramado das cercas dos pastos, para cair, sem aviso, no meio dos povoados tranqüilos dos grotões. Mas eram péssimos os voluntários do serviço de informes, e, perto do Saco-dos-Cochos, eles cruzaram, passando a menos de quilômetro um do outro, armados em guerra e esganados por vingança. (...) e, se parassem e pensassem no começo da história, talvez cada um desse muito do seu dinheiro, a fim de escapar dessa engronga, mas coisa isso que não era crível nem possível mais.¹⁵

No jogo intrincado de perseguição, chega mesmo o momento

¹⁵ ROSA, 1984, pp. 163-164.

em que, no afã de enganar Turíbio Todo, Cassiano Gomes engana a si próprio, espalhando aos que encontra pelo caminho uma pista falsa que acaba por se mostrar, no fundo, verdadeira. Depois de muito campear atrás do inimigo, o soldado anuncia que irá se recolher, esperando que assim Turíbio baixe guarda e possa ser pego de surpresa. Ele segue, dizendo àqueles que encontra: “- É... Deste jeito eu não arrango nada, e fico me acabando à toa... É melhor eu voltar p’ra casa e deixar passar uns tempos, até que ele sossegue e pegue a relaxar...”¹⁶. O narrador esclarece: “E Cassiano Gomes estava enganando a si próprio, pois na realidade se sentia de repente cansado, porque um homem é um homem e não é de ferro, e o seu vício cardíaco começara a dar sinal de si.”¹⁷

O conjunto dessas estratégias põe em xeque, entre outras, questões como a do valor de verdade. Inexistindo aprioristicamente, ela apenas se perfaz como tal a cada nuance dos movimentos dos duelistas, dependente da intenção que os move, de sua interpretação das pistas deixadas e do ponto de vista que então os guia. No desenrolar desse jogo a imprevisibilidade dos atos funciona como uma metáfora da vida, enquanto a morte, como única certeza, coroa o seu desfecho vindo de onde menos é esperada.

Num jogo de morte de tal modo imbricado exclui-se já de início uma lógica cartesiana simples, multiplicando-se, por detrás de certa aparência de simplicidade, diversos elementos complicadores. O narrador anunciara essa atmosfera complexa ao substituir a lógica excludente de relações de causa e consequência, praticada pelos capiaus, por uma outra inclusiva, relativa, suplementar e paradoxal. Vejamos:

E, ainda assim, saibamos todos, os capiaus gostam muito de relações de efeito e causa, leviana e dogmaticamente inferidas: Manuel Timborna, por exemplo, há três ou quatro anos vive discutindo com

¹⁶ ROSA, 1984, p. 171.

¹⁷ ROSA, 1984, p. 171.

um canoeiro do Rio das Velhas, que afirma que o jacaré-do-papo-amarelo tem o pescoço cor de enxofre por ser mais bravo de que os jacarés outros, ao que contrapõe Timborna que ele só é mais feroz porque tem a base do queixo pintada de limão maduro e açafraão. E é até um trabalho enorme, para a gente sensata, poder dar razão aos dois, quando estão juntos.¹⁸

Do mesmo modo que é impossível chegar a uma conclusão, no caso dos jacarés, escolhendo uma das assertivas e apontando-a como causa (é bravo porque tem o papo amarelo ou tem o papo amarelo porque é bravo?), também no caso desse outro papudo (Turíbio Todo) a busca de uma razão simples para suas atitudes impossibilita a opção. Ele é “vingativo e mau” (palavras do narrador) porque fora traído? Ou será o oposto? Ou ainda – pois não é de se desprezar a relação entre “papudos” que o texto oferece: É da existência do papo que lhe vem o mal estar com o entorno ou será o defeito físico antes um sintoma da sua inadaptação? Note-se a descrição do dia da pescaria:

Tinha sido para ele um dia de nhaca: saíra cedo para pescar, e faltara-lhe à beira do córrego o fumo-de-rolô, tendo, em coice e queda, de sofrer com os mosquitos; dera uma topada num toco, danificando os artelhos do pé direito; perdera o anzol grande, engastalhado na coivara; e, voltando para casa, vinha desconsolado, trazendo apenas dois timburés no cambão. Claro que tudo isso, sobrevivendo assim em série, estava a exigir desgraça maior, que não faltou.¹⁹

Nesse começo, antes mesmo de descoberto o envolvimento da companheira com Cassiano, já está instalada a idéia da ação violenta dirigida, no caso, contra uma totalidade negativa do entorno. Impossível portanto querer achar causa simples para o seu trajeto vingativo apenas no fato de encontrar Cassiano

¹⁸ ROSA, 1984, p. 158.

¹⁹ ROSA, 1984, p. 158.

na cama com D. Silivana. Se se for em busca de uma *causa* ou *origem* para os acontecimentos, caminhar-se-á a cada vez um passo atrás, encontrando-se lá, na suposta *origem*, sempre uma outra *origem*, que é antes *consequência* de uma outra.

A humilhação longa e silenciosamente curtida por ele pelas desvantagens físicas de que é portador, a clareza com que o contato com Cassiano Gomes traz à tona esses e outros traços seus, o ócio a que se entrega contra vontade, por ausência de trabalho (a abertura das estradas de rodagem reduzem a demanda de selas, produto do seu trabalho), a má-consciência pela sua suspeitada falta de “saber-viver”, no dizer do narrador, e os próprios acontecimentos desagradáveis que o contemplam naquele dia são todos determinantes para o que sucederá e se substituem numa linha de complementaridade.

O fato de ser Cassiano e não um outro o traidor de Turíbio serve ainda para enfatizar a condição miserável do seleiro, já que o outro é um militar (o que denota respeito, naquele contexto) um homem bonito e que, afinal, lhe conquista a companhia. Na cena em que Turíbio os avista na cama, a descrição que faz do arsenal de que se cerca para ele a imagem de Cassiano, em comparação com seu parco armamento, que se resume a uma “faquinha de picar fumo e tirar bicho-de-pé”²⁰ bem mostra a humilhação a que é submetido. O contraste entre a situação social dos dois terá grande participação no fomento do ódio já crescente do seleiro pelo ex-militar: “(...) o outro era o Cassiano Gomes, ex-anspeçada do 1º pelotão da 2ª companhia do 5º Batalhão de Infantaria da Força Pública, onde as gentes aprendiam a manejar, por música, o ZB tchecoslovaco e até as metralhadoras pesadas Hotchkiss; e era, portanto, muito homem para lhe acertar um balaço na testa, mesmo estando em sumarássima indumentária (...)”²¹.

Lógica e *razão* são termos que, por vezes sinônimos, têm ali aplicações que fogem diligentemente ao uso comum. A palavra

20 ROSA, 1984, p. 159.

21 ROSA, 1984, p. 159.

“razão”, por exemplo, desliza, no texto, entre diferentes acepções: há a “razão” inicial de Turíbio Todo para sentir-se humilhado e aquela que lhe é agregada socialmente para vingar-se perante a ofensa moral sofrida, “razão” que o leva a desviar-se e, num erro, eliminar o irmão do verdadeiro “devedor”. Há, em contrapartida, as “razões” que permitem a Cassiano Gomes revidar a morte indevida do irmão. Há também as “razões” de adaptação e luta que justificam, a princípio, tanto a conduta de Turíbio quanto a de Cassiano, e que depõem contra a idéia de uma *razão* una e mesmo de uma apriorística da *razão*, que teria de se basear na idéia de uma lei também una e *a priori* posta.

Há ainda a tal “razão” das mulheres, que o narrador defende, ironicamente, como devendo primar sobre as demais (note-se ainda que é do contato com D. Silivana que provêm as “razões” da contenda, justificativas para a *morte*, e que acabarão se mostrando, positivamente, como a “razão” de *vida* dos adversários). As diferentes acepções do termo se misturam no texto. A ausência de uma *razão* apriorística ou transcendental amplia indefinidamente o jogo e seu campo de atuação. Por isso não há *uma* verdade ou lógica simples a defender ou interpretar. Nada para além das regras do jogo.

Cassiano Gomes, aquele que “primeiramente” é marcado para morrer (e que traz a lembrança da caça, foneticamente, no nome), carrega em si o gérmen da morte, latente na doença que o persegue, e representa, por meio desse traço, toda a categoria humana, incluído aí também o seu algoz ou caçador. Eles seguem no seu jogo letal, como numa roleta russa, adiando e adiantando a morte, fugindo dela e para ela, que cedo ou tarde se mostrará, se não como resultado específico do combate, provindo de algo exógeno a ele ou de dentro de cada um deles.

Apesar da série de contrastes que *a priori* delegariam a Turíbio uma condição irremediavelmente inferior com relação a Cassiano, o texto, pela visada altamente reversível que propõe, irá recuperar e transformar uma certa predestinação que muitas vezes as preconceituações fazem supor e mantêm. É através de

um traçado que reconhece o poder como algo que se exerce antes que se possui que o conto de Rosa o faz.

Esse conceito de poder, formulado pelo pensador francês Michel Foucault, é trazido aqui para o acompanhamento do trajeto dos personagens por considerarmos que as diferentes estratégias por eles desenvolvidas durante o seu “duelo” não cristalizam o poder num centro emanador, nem distribuem em escalas hierárquicas os “poderosos” e os “sem-poder”, estabelecendo sim *jogos* de poder e não *lugares* de poder, algo que os jogadores bem intuem. Daí que a desconfiança de cada um sobre as pistas deixadas pelo inimigo se amplie até quase passarem paradoxalmente a considerar, de forma consciente, nos atos de defesa, a importância do acaso. Uma verdadeira aporia: as regras do jogo são inescapáveis, ou seja, tudo se dá sempre e somente dentro de uma certa ordem de jogo; no entanto é tamanha a imprevisibilidade das normas que o governam, criadas sempre no devir do próprio jogo pelos duelistas, que o conjunto de regras tangencia o acaso e mesmo ameaça com a completa dispensabilidade das normas, anulando assim o sistema. Somente desse modo se explicam situações como aquela em que os jogadores se buscam até que se encontrem, e então, de forma surpreendente, não se vêem.

Assim sendo, se uma grande diferença de situação social separa Turíbio de Cassiano, a partir do momento em que seus destinos se cruzam, arma-se um outro contexto, em que de alguma forma eles se igualam, porque são outras as regras que norteiam agora essa vida dentro da vida, que os une no seu *quase-duelo* e, para nós, no texto. Pode-se pensar mesmo que o verdadeiro “acerto de contas” já se dera, de forma paradoxal, no erro cometido por Turíbio ao matar o irmão de Cassiano, erro que afinal deixa o soldado livre para a vida, o que nesse caso significa a possibilidade de lutar até a morte, e “de igual para igual”. Somente a partir desse engano inaugural é que se inicia de fato a perseguição entre eles, contraditoriamente.

Desde então, Turíbio e Cassiano passam a ser, de certo modo,

um personagem do outro, nesse teatro mortal, e a se guiarem por pistas que, de muito voláteis e armadas sobre tantos artifícios, resultam quase tão pouco úteis ao perseguido e ao perseguidor quanto crer no puro acaso. A um tempo em que o narrador apresenta ao leitor os personagens, no contexto interno à narrativa, cada um dos protagonistas faz do outro uma espécie de criação sua, pelo modo como tece comentários injuriosos acerca do rival junto aos transeuntes nas estradas em que segue à sua procura. Assim o percurso de cada um é traçado, de certo modo, pelo inimigo, nas pistas – verdadeiras ou falsas – que lhe deixa, pistas às quais a *criatura* tenta, apoiada em suas interpretações, escapar. Por fim, o fato de cada um perseguir, no/do outro, a própria vida, faz com que assuma mais plenamente a função de *criador/destruidor*.

No desfecho, cada um se revela, enfim, o personagem prófugo do outro, escapando-lhe quase que completamente ao traçado, para viver sua própria vida - e sua morte: Cassiano morre de “causa natural”, burlando o desfecho lúdico, e o outro, no meio do jogo - e da narrativa -, parte para São Paulo, indo morrer, ao retornar, pelas mãos de um terceiro. Vejamos o momento em que Turíbio Todo resolve abandonar a luta:

Depois, uma turma de sujeitos alegres o interpelou. Iam para o sul, para as lavouras de café. Baianos são-pauleiros. E um deles: -Eh, mano veélho! Baâmo pro São Paulo, tchente!... Ganhá munto denheêro... Tchente! Lá tchove denhêro no tchão!... Sentiu saudades da mulher. Mas, era só por uns tempos. Mandava buscá-la, depois. Foi também.²²

Para o leitor que acompanhara até então cada lance da perseguição mútua, é surpreendente a atitude de Turíbio, de partir com uma tropa que encontra no caminho, tendo trocado com seus componentes apenas algumas palavras e deixando pelo meio a contenda com Cassiano. No entanto o fato não é incompreensível, já que, de forma não de todo

²² ROSA, 1984, p. 175.

consciente, o que ele procurava mesmo era uma *razão* para a vida. Considere-se também que nesse ponto o jogo já vinha se tornando ora monótono, ora arriscado demais, segundo sua própria avaliação, o que poria em perigo seu motivo maior até então: a busca paradoxal de uma mudança para a vida, ainda que por meio da morte, sua e/ou de outrem.

Nesse ínterim, e quando o embate entre os dois ainda prosseguia, é que o sistema estabelecido com a perseguição perde verdadeiramente qualquer possível centro: Turíbio segue para São Paulo e Cassiano chega a esquecer por completo o motivo que conduzia seu ódio contra Turíbio, ou seja, a morte do irmão. Apenas quando já bastante debilitado pela doença é que, certo dia, Cassiano Gomes se lembra do falecido: “E ficava calado, recontando os caibros, negros de picumã, e espiando a mexida das aranhas, que jogavam fios-a-prumo para subir e descer. E, pela primeira vez nesses meses, se lembrou do irmão assassinado, realizando ser por causa da morte do mesmo que ele andara em busca de Turíbio Todo”.²³

Turíbio, ao retornar de São Paulo, chega transformado. Nas palavras do narrador: “Saltou do trem com uma piteira, um relógio de pulseira, boas roupas e uma nova concepção do universo”²⁴. Retorna com saudades da mulher, disposto a tudo esquecer e portando mesmo um discurso pacifista. E é aí, no hiato do ódio, *razão desarrazoada* que insuflava o seu viver, que ele é pego de surpresa e, desarmado, recebe a morte pelas mãos de um capiau franzino em cuja companhia perfizera parte do caminho e a quem já então se afeiçoara bastante. Esse capiau, chamado Vinte-e-Um, que se apresentara como compadre do falecido Cassiano Gomes, fora ajudado pelo soldado já moribundo, ocasião em que lhe prometera, como último desejo, vingar a morte do irmão, dando fim ao tal Turíbio Todo.

²³ ROSA, 1984, p. 180.

²⁴ ROSA, 1984, p. 182.

Na narrativa, Vinte-e-Um é a prova maior do alcance dos lances daquele jogo e da sua perda de centro: jogada a primeira pedra, impossível conceber que seu raio de ação permaneça no entorno dos principais jogadores sem contaminar outros elementos, que serão envolvidos também nessa rede ao mesmo tempo lúdica e bélica. O próprio nome do personagem Vinte-e-Um, que designa também um jogo de cartas, reforça a relação com o jogo e faz retornar a imagem do baralho, que aparece mais de uma vez no conto para ilustrar a contenda entre Turíbio e Cassiano: “- Tem tempo... - disse. E continuou a batida, confiado tão só na inspiração do momento, porquanto o baralho fora rebaralhado e agora tinham ambos outros naipes a jogar.”²⁵

Mais uma vez, apenas o devir-estória e a observação aproximada das partes é que pode criar, para os acontecimentos, alguma realidade, dando mostras de que ali é improvável poder se fiar, para agir, em uma *razão* plena, única ou previamente considerada. Assim como na estória dos jacarés, que abre a narrativa, observados de perto os duelistas é preciso dar-lhes, a ambos, as suas “razões”, agora plurais.

Ao invés de reconhecer-se levemente uma *razão* que governe a totalidade dos acontecimentos, o que se nota é uma determinada lógica de poder presente na fala de Cassiano Gomes. Diz ele, referindo-se a Turíbio Todo: “- Ele vai como veado acochado, mas volta como cangussu... No meio do caminho a gente topa, e quem puder mais é que vai ter razão...”²⁶. A “razão” que se reconhece então é a da força, a do poder do mais forte no momento do encontro, em pleno caminhar, e aparece como uma nova “razão”, suplementar às apresentadas anteriormente. Daí a importância de se acompanhar os lances lúdicos e bélicos em que os personagens se revezam e a alternância de papéis que vem expor a não-fixidez das relações e das razões que as regem, revolvendo valores e verdades

25 ROSA, 1984, p. 162.

26 ROSA, 1984, p. 161.

comumente aceitos. Esse entranhamento radical de diferentes posições e pontos de vista lança a necessidade de uma revisão de construções que se baseiam na lógica cartesiana de causa e consequência e de concepções como a de razão, mantenedora, no pensamento ocidental, de toda suposta verdade e, juntamente, de muito engano. O paradoxo e a ambivalência são respostas sempre provisórias aos enigmas incorporados pelos protagonistas nessa história de vingança e morte, e de luta pelo poder, perante a efemeridade de todos os seres.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução: Maria Beatriz M. Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução: Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Recebido em 15/07/2008
Aprovado em 16/08/2008